



## Biografia de um senhor editor

---

*José de Paula Ramos Jr.*

---

*Plínio Martins Filho, editor de seu tempo, de Ulisses Capozzoli,  
São Paulo, WMF Martins Fontes, 2023, 252 p.*

**P**ium é uma obscura cidadezinha localizada no estado de Tocantins, desde 1988. Antes disso, era território de Goiás. No passado, como no presente, suas principais atividades concentram-se na agricultura e na pecuária. Sertão coberto de matas exuberantes e abundância de água, que estimulam a caça e a pesca. Vida pacata, de modesto comércio e pequenas propriedades rurais, ainda não impactadas por latifúndios produtores de soja e pecuária extensiva, Pium, no entanto, vivenciou um período agitado, durante a Segunda Guerra Mundial, pela exploração de cristal de rocha, minério abundante na região, transportado por aviões para os Estados Unidos, para a construção de artefatos militares. Terminada a guerra, Pium voltou a ser o que sempre fora, um humilde e apático lugarejo.

Nesse contexto, nasceu o menino Plínio Martins Filho, em 25 de maio de 1951. Filho de Plínio Martins de Oliveira e Maria

da Costa Oliveira, viveu os primeiros anos de infância, junto com seis irmãos, na fazenda Pau Ferrado, formada por seu pai em terras devolutas, depois de anos ativo como vaqueiro.

Foi uma infância árdua, pois sua mãe acreditava no que podemos chamar de pedagogia da pancada. Por qualquer deslize, as crianças eram surradas. Até os 12 anos, os filhos se alimentavam numa bacia comum, disputando os alimentos, sentados no chão de terra. Ainda na infância, Plínio chafurdava com pés descalços na lama e nas fezes do gado, para ajudar o pai com os animais. Mas o pai tinha índole diversa da esposa. Homem alfabetizado, de poucas palavras, trabalhador infatigável, determinado a prover a família do necessário, costumava levar seu filho para acompanhá-lo em caçadas.

---

**JOSÉ DE PAULA RAMOS JR.** é professor aposentado do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP e autor de *Leituras de Macunaima: primeira onda (1928-1936)* (Edusp/Fapesp).

Nessas oportunidades, Plínio observava seu pai a escrever na areia, o que se tornou uma memória indelével.

Aos sete anos de idade, Plínio e sua família mudaram-se da fazenda para a cidadezinha de Pium, para que as crianças pudessem frequentar a escola primária. O pai permanece no campo para garantir a sobrevivência da família com seu trabalho.

Os quatro anos do curso primário foram um deslumbramento para o menino, que tomara conhecimento de um mundo vasto, com o qual jamais sonhara. Marcou-o principalmente a aprendizagem da escrita, que ele cultivaria pela vida afora. A escola também despertou nele a sede de saber, paixão que conserva até hoje. Desejava prosseguir os estudos, mas em Pium só havia escola primária. Seria necessário cursar o ginásio em outra cidade, após ser aprovado no terrível exame de admissão, espécie de vestibular. Plínio foi aprovado, mas decepcionou-se, pois já tinha um irmão mais velho a estudar na cidade de Cristalândia e duas irmãs em Porto Nacional, às margens do Tocantins, no Colégio Sagrado Coração de Jesus. Não havia recursos para que Plínio também estudasse fora. Assim, permanece um ano na propriedade rural, ajudando o pai com a lavoura e os animais, decepcionado, frustrado e melancólico. Ele queria prosseguir os estudos.

Essa oportunidade surgiu e Plínio foi cursar o ginásio em Ceres, cidade de Goiás, à noite, no colégio estadual. Durante o dia, trabalhava numa loja de tecidos, sapatos e chapéus. Terminado o ginásio, Plínio mudou-se para Taquatinga (DF), vivendo na casa de seu irmão Olívio. Nessa cidade, deu início ao curso colegial. Porém, Olívio foi para São Paulo, tornando-se funcionário no depósito da Editora Perspectiva.

Por influência e exemplo do irmão, Plínio escreve-lhe uma carta, especulando sobre a possibilidade de trabalhar com ele. Perante a resposta positiva, o jovem vem para São Paulo, vai trabalhar no depósito da Editora Perspectiva, junto ao irmão, e conclui o colegial estudando à noite.

Os primeiros anos na cidade grande são muito difíceis. Alimentando-se com deficiência, fica desnutrido e anêmico. A metrópole parecera-lhe feia e inóspita, mas encontra um oásis na editora em que trabalhava. Ficava fascinado pelos livros e seu processo de produção. Em horas livres, subia do depósito para o andar onde trabalhavam os revisores e oferecia ajuda. Até que foi admitido como um dos revisores, função para a qual teve como mentor a figura extraordinária de Geraldo Gerson de Souza, poliglota e homem de vasta cultura, que orientava o aprendiz: “dúvida de texto se resolve com dicionários e gramáticas”, estimulando Plínio a pesquisar e estudar para ter proficiência no ofício. A aprendizagem foi longa e profícua, pois o aprendiz dominou com *expertise* a revisão de textos. No entanto, o fascínio pelos livros levou o jovem revisor a interessar-se pelos demais elos da cadeia de produção editorial, do autor ao leitor. Tomou consciência da grande importância da normalização, da apresentação material do texto para alcançar o efeito de coerência e harmonia, em benefício da inteligibilidade, legibilidade e leitura. Composição, diagramação, tipografia, impressão e os demais processos da arte de construção do livro foram, aos poucos, assimilados como conhecimentos necessários na formação de um editor completo, promovido a gerente de produção. Não menos importantes que a experiência, a aprendizagem empírica em

todos os processos da cadeia editorial, foram as múltiplas conversas, que chegavam a durar horas, com Jacó Guinsburg, grande mestre que Plínio considera como o seu “pai intelectual”.

Durante 18 anos, o jovem vindo de Pium permaneceu na Editora Perspectiva, onde conheceu sua esposa Vera Lúcia, com quem teve os filhos Thomas e Gustavo.

Em 1988, João Alexandre Barbosa, então presidente da Editora da Universidade de São Paulo, a Edusp, o convida para assumir a direção de seu departamento editorial. Plínio hesita, mas aceita, para algum desgosto, embora compreensivo, de Jacó Guinsburg.

Naquela época, a Edusp se limitava a ser financiadora de coedições em parceria com a iniciativa privada, sem nenhum benefício próprio. O discernimento do reitor José Goldemberg e o empenho de João Alexandre Barbosa deram ensejo à transformação da Edusp numa verdadeira editora acadêmica. À frente da empreitada, estava Plínio Martins Filho, grande responsável pela transformação. Primeiro como diretor editorial, depois como diretor presidente da Edusp, por cerca de 26 anos, ele fez dela a mais prestigiada editora acadêmica do Brasil, modelo para outras editoras acadêmicas pelo país afora, com a qualidade de seus produtos, desenvolvidos em todas as áreas do saber, reconhecida internacionalmente. Nesse período, a Edusp foi agraciada com cerca de 80 prêmios Jabuti, o que vem a ser um fato eloquente no reconhecimento da excelência de seus livros, sob a batuta de Plínio.

Não obstante essa trajetória de sucesso, Plínio foi exonerado como diretor presidente da Edusp em 2017. Seus sucessores podem

ser competentes em suas áreas de conhecimento, mas não tinham qualquer experiência no processo de produção editorial. Tentaram implementar políticas editoriais que descaracterizavam o perfil da Edusp como editora acadêmica, cujo prestígio havia sido conquistado na gestão de Plínio, que, além de editor consagrado, foi agraciado com o prêmio Jabuti da área de Comunicação como autor do *Manual de editoração e estilo*, em 2017, o que não deixa de ser irônico.

Contudo, Nêmesis, a deusa da justiça, reconduziu Plínio ao cargo de diretor editorial da Edusp, sob a presidência de Sergio Miceli, por iniciativa do reitor Carlos Gilberto Carlotti Junior e da vice-reitora Maria Arminda do Nascimento Arruda, em 2022. Os rumos consagrados da Edusp foram restaurados.

Também é preciso reconhecer a atividade de Plínio como professor do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP e animador da editora-laboratório Com-Arte, que vem preparando gerações de editores, capacitados e cientes de suas responsabilidades sociais e culturais como produtores de conteúdo.

Sumariamente, eis a trajetória do menino de pés descalços, no ambiente rural de Pium, até constituir-se num dos mais respeitados editores do Brasil.

Tudo isso é narrado com detalhes minuciosos pelo autor da biografia de Plínio, Ulisses Capozzoli, que não se limita à narrativa do biografado, mas a insere no quadro muito mais amplo da historicidade, acompanhando a trajetória e contribuições de editores internacionais como Aldo Manuzio (1450?-1515) e Max Perkins (1884-1947), lendário americano editor de F. Scott Fitzgerald, Ernest Hemingway e Thomas

Wolfe, bem como brasileiros cujas carreiras marcaram profundamente a história do livro no Brasil, desde Paula Brito (1809-1861) até Jacó Guinsburg (1921-2018), passando por Monteiro Lobato (1882-1948), Octalles Marcondes Ferreira (1899-1972), José Olympio (1902-1990), Ênio Silveira (1925-1996), Jorge Zahar (1920-1998), entre outros. Capozzoli faz um tributo a esses notáveis editores em sua narrativa.

Segundo James Boswell (1740-1795), “não conheço método biográfico mais perfeito que aquele que não apenas associa, segundo a ordem de produção, os acontecimentos mais importantes da existência de um homem, mas entremeia-os com o que esse homem haja dito, pensado e escrito. Esse método permite ao leitor vê-lo viver, e vivenciar com ele cada um dos acontecimentos mais importantes”. Esse método, exposto na citação de Boswell, é perseguido e realizado, com rigor e sabor, por Uli-

ses Capozzoli em sua biografia do editor Plínio Martins Filho.

Capozzoli dá conta das profundas transformações tecnológicas que impulsionariam a produção editorial, mas também das metamorfoses históricas mais amplas, quer no plano internacional, quer no nacional.

Contudo, o rigor e a precisão do conteúdo são reforçados pela forma. Esta é elaborada com sensibilidade estilística. A narrativa rigorosa reveste-se de sabor, por exemplo, nas reminiscências de infância de Plínio, ou na comovente sede de saber que eleva o jovem de auxiliar de estoque à condição de revisor, diretor editorial e presidente da Edusp. Não raro, a narrativa de Ulisses Capozzoli se consubstancia em deliciosa prosa poética, com momentos de inspirado lirismo. E esse é mais um dos méritos da biografia *Plínio Martins Filho, editor de seu tempo*, lançada pela editora Martins Fontes (2023).